

<http://amazoniareal.com.br/hidreletrica-de-sinop-1-resumo-da-serie/>

## Comentários

1.  ANGELO ANTONIO AGOSTINHO disse:

16/04/2019 às 14:33

Li atentamente o texto do Dr Fearnside e não posso me omitir em apontar várias imprecisões, equívocos e erros nele cometido. Embora o autor trate com agressividade o parecer, que também subscrevi, recomendando a manutenção de parte da vegetação na área a ser alagada, esse não é o objeto dessa minha manifestação. Assim, mesmo considerando o texto como meramente opinativos, dado que não respaldado na literatura (ao contrário do Parecer), não podemos permitir que explicações inverídicas dos fatos sejam repetidamente publicados até que sejam aceitos como verdade, à moda dos “fake-news”. Nessa parte do texto do Dr Fearnside, cabe ressaltar dois pontos:

- (i) O texto é equivocado já em seu primeiro parágrafo, onde o autor parte da premissa de que a Lei determina a remoção completa da vegetação. O Artigo 2º (Art. 2º – Serão reservadas áreas com a vegetação que, a critério dos técnicos, for considerada necessária à proteção da Ictiofauna e das reservas indispensáveis à garantia da piscicultura) é deliberadamente omitido. Além disso, destacar o reservatório de Sinop como exemplo de não obediência da Lei, no Brasil, em razão da não supressão total da vegetação, é algo de difícil compreensão. Essa é uma prática extensiva a todos os grandes reservatórios brasileiros.
  - (ii) Na sequência, o autor atribui a morte dos peixes encontrados a jusante da barragem da UHE Sinop à hipóxia, sendo essa condição decorrente do alagamento da floresta na área do reservatório, ocorrido quatro dias antes, o que não é verdade. Vários fatos podem, isoladamente, refutar as conclusões apresentadas, ou seja, (i) as necropsias mostram lacerações, fraturas, exoftalmia, bolhas de ar nos raios e brânquias, bexiga natatória rompida, definitivamente sem relação alguma com anoxia; (ii) quando as primeiras medições a jusante do vertedouro foram feitas, após os primeiros peixes mortos aparecerem, registrou-se níveis de supersaturação (120%); (iii) o necessário lag temporal, descrito na literatura, para que o processo de decomposição da vegetação ocorresse, levasse as águas do corpo do reservatório à hipóxia ou anoxia e vertesse essa água a jusante da barragem, não é possível em apenas três dias do enchimento; (iv) a completa ausência de relatos de mortes no reservatório, que o texto aponta como fonte de anoxia a jusante.
- De resto, o documento do Dr Fearnside não faz justiça à sua reputação como cientista. Penso que isso decorra do fato de ter saído do conforto de sua área de especialidade.

## Responder

- o  *Amazônia Real* disse:

17/04/2019 às 22:31

Resposta ao Dr. Agostinho, um dos consultores contratados pela Sinop Energia, cujo parecer foi citado no meu texto publicado na Amazônia Real:

A lei que exige a remoção de vegetação foi citada no meu texto exatamente como está, e a exceção para necessidades de peixes foi mencionada no texto (No. 5). O meu texto questiona se é necessário deixar 70% da floresta morta em pé para os peixes, o que dificilmente tenha respaldo na literatura. O texto usa os próprios resultados do relatório de consultoria sobre modelagem da qualidade da água (não o relatório sobre peixes, que incluiu o Dr. Agostinho como autor) para justificar a relação entre as árvores mortas e o oxigênio. Sendo que a própria Sinop Energia se baseou nessa modelagem, seria difícil eles argumentarem a inexistência desta relação. A hipóxia inicial seria da decomposição de fitomassa mole (folhas, etc.) e do carbono lábil no solo, não da madeira nos troncos das árvores. No meu texto incluí uma figura com fotografias da tela do aparelho que mede o teor de oxigênio, mostrando que a água sendo liberada do reservatório tinha, sim, um nível de oxigênio minúsculo, bem abaixo do teor exigido pelos peixes. O meu texto menciona também outros estressores sobre os peixes, além da falta de oxigênio, mas deixa claro que a falta de oxigênio era suficiente para explicar uma mortandade maciça rio abaixo da barragem. Finalmente, meu texto menciona o fato que os reservatórios na Amazônia têm tido grande parte da floresta deixada sem remoção. Só que o tenso do verbo foi diferente! O Dr. Agostinho coloca isto no presente, enquanto eu falei no passado e expliquei que estamos num ponto de decisão no longo e difícil caminho para o Brasil fechar a grande discrepância entre o que está escrito nas leis ambientais e o que acontece na prática. Esta oportunidade foi perdida na hidrelétrica de Sinop, com a ajuda dos consultores de Sinop Energia, mas esta não será a última oportunidade para que esta mudança aconteça. (Philip Fearnside)